FENDA



Alberto Pimenta

DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA

DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA

Alberto Pimenta

DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA

com novas circunstâncias
e
doutrinas gerais úteis
para o seu melhor
conhecimento



FENDA

Edições anteriores

portuguesas:

1977, Teorema, Lisboa
1979, RJ, Lisboa
1981, RJ, Lisboa
1987, Centelha, Coimbra

estrangeiras:

italiana, 1980, Scheiwiller, Milão
brasileira, 1983, Codecri, Rio de Janeiro
castelhana, 1990, Víctor Orenga, Valencia
catalã, 1990, Amós Belinchón, Valencia

DISCURSO SOBRE O
FILHO-DA-PUTA

AUTOR
ALBERTO PIMENTA

CAPA
JOAO BICKER

APARTADO 21 334, 1131 LISBOA CODEX



A O L E I T O R

Grandes obras têm ilustrado os prelos cristãos, obras cujas inspiradas penas fizeram a glória dos seus autores; e este pequeno volume, pela aspereza da doutrina, nunca passaria de molestar os ouvidos, caso o seu intento, longe de ser persuadir com belas palavras, não fosse antes descobrir o que elas encobrem. Deste modo, que ninguém se moleste com o desabrido do tratado, pois quanto mais se molestar mais demonstra que afinal sempre merece o tratamento.

Confesso que a empresa foi custosa, mais que outras que aparentemente têm maiores dificuldades de desempenho: mas tanto se me meteu por dentro o amor da pátria que, fazendo de acicate, me deu forças para levar a cabo o cometimento. Pois seria muito de lastimar que tivesse sido o natural doutra terra a abrir estes caminhos e a descobrir estes atalhos, nos quais os cristãos em geral e os portugueses em particular tanto se têm distinguido e continuam a distinguir, sendo prova disso a fama que tiveram e continuam a ter, com ecos que repercutem e não cessam de multiplicar-se aquém e além fronteira.

BALADA DITIRÂMBICA DO PEQUENO E DO GRANDE FILHO-DA-PUTA

I

o pequeno filho-da-puta
é sempre
um pequeno filho-da-puta;
mas não há filho-da-puta,
por pequeno que seja,
que não tenha
a sua própria
grandeza,
diz o pequeno filho-da-puta.

no entanto, há
filhos-da-puta
que nascem
grandes
e
filhos-da-puta
que nascem
pequenos,
diz o pequeno filho-da-puta.

de resto,
os filhos-da-puta
não se medem aos palmos,
diz ainda
o pequeno filho-da-puta.

o pequeno
filho-da-puta
tem
uma pequena
visão das coisas
e mostra em tudo quanto faz
e diz
que é mesmo
o pequeno filho-da-puta.

no entanto,
o pequeno filho-da-puta
tem orgulho em
ser
o pequeno filho-da-puta.

todos
os grandes filhos-da-puta
são reproduções em
ponto grande
do pequeno filho-da-puta,
diz o pequeno filho-da-puta.

dentro do
pequeno filho-da-puta
estão em ideia
todos os
grandes filhos-da-puta,
diz o pequeno filho-da-puta.

tudo o que é mau
para o pequeno
é mau
para o grande filho-da-puta,
diz o pequeno filho-da-puta.

o pequeno filho-da-puta
foi concebido
pelo pequeno senhor
à sua imagem e
semelhança,
diz o pequeno filho-da-puta.

é o pequeno
filho-da-puta
que dá ao grande
tudo aquilo de que ele
precisa
para ser o grande filho-da-puta,
diz o pequeno filho-da-puta.

de resto,
o pequeno filho-da-puta vê
com bons olhos
o engrandecimento
do grande filho-da-puta:
o pequeno filho-da-puta
o pequeno senhor
Sujeito Serviçal
Simples Sobejo
ou seja, o pequeno filho-da-puta.

II

o grande filho-da-puta
também em certos casos começa
por ser
um pequeno filho-da-puta,
e não há filho-da-puta,
por pequeno que seja,
que não possa
vir um dia a ser
um grande filho-da-puta,
diz o grande filho-da-puta.

no entanto, há
filhos-da-puta
que já nascem
grandes
e
filhos-da-puta
que nascem
pequenos,
diz o grande filho-da-puta.

de resto,
os filhos-da-puta
não se medem aos palmos,
diz ainda
o grande filho-da-puta.

o grande
filho-da-puta
tem
uma grande
visão das coisas
e mostra em tudo quanto faz
e diz
que é mesmo
o grande filho-da-puta.

por isso,
o grande filho-da-puta
tem orgulho em
ser
o grande filho-da-puta.

todos
os pequenos filhos-da-puta
são reproduções em
ponto pequeno
do grande filho-da-puta,
diz o grande filho-da-puta.

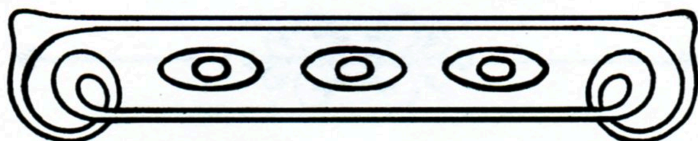
dentro do
grande filho-da-puta
estão em ideia
todos os
pequenos filhos-da-puta,
diz o grande filho-da-puta.

tudo o que é bom
para o grande
não pode
deixar de ser igualmente bom
para os pequenos filhos-da-puta,
diz o grande filho-da-puta.

o grande filho-da-puta
foi concebido
pelo grande senhor
à sua imagem e
semelhança,
diz o grande filho-da-puta.

é o grande
filho-da-puta
que dá ao pequeno
tudo aquilo de que ele
precisa
para ser o pequeno filho-da-puta,
diz o grande filho-da-puta.

de resto,
o grande filho-da-puta vê
com bons olhos
a multiplicação
do pequeno filho-da-puta:
o grande filho-da-puta
o grande senhor
Santo e Senha
Símbolo Supremo
ou seja, o grande filho-da-puta.



PLANO GERAL DA OBRA

de como o filho-da-puta existe e praticamente se encontra em todos os lugares. do pouco que se sabe acerca dele. de como os trajes e a conformação física não bastam para o definir. alguns traços distintivos do filho-da-puta. seus gostos, e lugares que ocupa. modos de o filho-da-puta ser filho-da-puta. de como todo o filho-da-puta é acima de tudo filho-da-puta. as suas grandes especializações. sua vida particular e pública. perguntas feitas por ele mesmo. o seu sistema de entreajuda. da escola como seu lugar predilecto. do lar como seu lugar excelso. das infindáveis variedades de filho-da-puta. de como vive o filho-da-puta. a questão de saber se o filho-da-puta já nasce filho-da--puta. seus temores e receios. sua frequência dos lugares de recreio e diversão. de como ser filho-da-puta não compensa. um outro traço distintivo



seu. alguns aspectos anedóticos. de como se é filho-da-puta em full-time. de como o filho-da-puta costuma ter quem se ocupe dele. das coisas que o consolam. de novo a questão de saber se o filho-da-puta nasce ou se faz. de como os seus processos e hábitos mudam de época para época e de lugar para lugar. a técnica do filho-da-puta. novo traço distintivo seu. modo de ser próprio do filho-da-puta nacional. de como o filho-da-puta morre de muitas maneiras, e de como para ele todas são boas. de como gosta de deixar, ou até de fazer morrer os outros, e de como esse é outro traço distintivo seu. de como a sua vida só é compreensível em função da morte. de como a morte é para o filho-da-puta o verdadeiro começo. do elogio fúnebre como ponto máximo na sua carreira. grande lema do filho-da--puta e final com brio.



ESTIMADOS COMPATRIOTAS:

ACERCA do filho-da-puta, como acerca de muitas outras coisas, correm neste país as mais desvairadas lendas. Há até quem pretenda que o filho-da-puta a bem dizer nunca existiu, dado que ele é apenas um modo de mal-dizer. Nada, porém, mais falso. É certo que o filho-da-puta às vezes não passa de um modo de dizer, mas não bastará a simples existência, particular e pública, de tão variados retratos seus e de tantas estátuas suas, bem como de tantos nomes seus dados a ruas, praças e escolas, para dissipar de vez as dúvidas acerca da sua existência real? E se isso não bastasse, não chegariam para acreditar nele os seus cartões visa, que são os seus cartões de visita, e as suas inumeráveis credenciais, honras, bolsas de estudo e estudos da bolsa? Pois quem teria imaginação suficiente para aventar ou inventar tantas e tais variedades de filho-da-puta caso ele não existisse? Não! O filho-da-puta existe. Em todos os lugares, excepto no dicionário. No dicionário existem variados filhos, entre eles o filho-família, o filhastro e o filhote, mas não existe o filho-da-puta. Em compensação, ele, o filho-da-puta, existe em todos os outros lugares. Claro que

há lugares que ele de preferência ocupa e onde por conseguinte é mais frequente encontrá-lo; no entanto, exceptuando, como ficou dito, o dicionário, não há lugar onde, procurando bem, não se encontre pelo menos um filho-da-puta. Porque

o *filho-da-puta existe e está praticamente em toda a parte:* na escola e nas repartições, na indústria e no comércio, na cidade e nas serras, na rua e nas casas, e até nos cemitérios. Deste (exceptuando casos antigos ainda hoje falados, ou então os muito recentes que deram que falar) pouco se sabe, como é natural. Desgraçadamente, porém, o mesmo sucede com muitos dos outros filhos-da-puta, e é isso mesmo que eu considero uma triste lacuna no nosso saber. Em grande parte dos casos, não se sabe deles mais que o que se sabe dos anjos, ou seja: que são seres de eleição que estão em toda a parte, mas que só por obras revelam a sua existência, a seres igualmente de eleição. É certo e sabido que filhos-da-puta menos sabidos não desgostam de se revelar; ainda neste caso, porém, não é fácil reconhecê-los, pois o filho-da-puta nem sempre usa sinais distintivos e

de resto, há filhos-da-puta que vestem bem e outros que vestem mal, filhos-da-puta garridos e filhos-da-puta soturnos, de uniforme e à paisana, de saias e de calças, de barba e sem barba, de bata branca e de bota preta. Nem sequer é fácil saber com segurança se o filho-da-puta tem predilecção por este ou por aquele traje: é certo que ele se mostra mais nuns que noutros, mas usa sempre o seu traje como a arquitectura duma tragédia; para ele o nu é o ultraje, e por isso é que o filho-da-puta faz o traje, embora o traje não faça o filho-da--puta. O mesmo há que dizer quanto à sua confor-

mação física, ou seja: que esta nunca basta para o identificar com segurança, dado que há filhos-da--puta bem conformados, assim como há filhos-da--puta menos conformados, e outros nem bem nem mal conformados, isto é, aproximadamente conformes, ou em conformidade. Às vezes, é certa delicadeza, certa doçura, certa suavidade do olhar, certo modo de juntar as pernas e até certo modo de urinar e de defecar (este último sinal nem sempre é francamente detectável) que denota o filho-da--puta. Outras vezes, porém, o filho-da-puta é exactamente o contrário do que se acaba de imaginar. Na verdade, a conformação física nunca é suficiente para identificar o filho-da-puta. O filho-da-puta é mais uma disponibilidade para a indisponibilidade que uma disposição de ser e é isso que torna tão difícil defini-lo à primeira vista, pois ele,

***o filho-da-puta, por si, nunca se define à primeira vista*, e esse é o primeiro e o principal dos seus traços distintivos. À primeira vista, o filho-da--puta faz tudo para mostrar a disponibilidade. À primeira vista, o filho-da-puta faz tudo para mostrar a disponibilidade que acha própria, e ocultar a própria indisponibilidade. À primeira vista, o filho-da-puta diz que quer tudo a contento, mostra a intenção de que tudo se resolva a bem e não a mal, e cita até o seu código de honra legal; pelo menos garante que vai ponderar e espera não errar, ou fala ainda na necessidade de flexibilidade, ou promete então «sensibilizar as suas estruturas e quadros e balizar a problemática dentro dos parâmetros adequados», à primeira vista é assim, sim senhor;**

é só depois, às vezes muito depois, que o filho-da--puta, por vocação superior e para constar, diz

que «não, não senhor», e mostra que não está na disposição: nem de viver nem de deixar viver. Porque ele, o filho-da-puta, ocupa-se e preocupa-se sobretudo com os outros, e uma das coisas que mais o ocupam e preocupam é a despreocupação dos outros, e esse é o segundo dos seus traços distintivos. Até se pode dizer que nada preocupa tanto o filho-da-puta como a despreocupação dos outros, que nada o incomoda tanto, nada o perturba de tal modo como a despreocupação dos outros. Ele, o filho-da-puta, tem por máxima preocupação construir toda a espécie de mais-valia, e assim ocupa a vida ocupando-a com o modo de conseguir sempre o que mais valia, sacrificando-a para conseguir sempre o que mais vale; o filho-da-puta acha que esta vida é um vale de lágrimas, cruzado por caminhos cheios de espinhos, um sítio de sacrifício onde não há lugar para a despreocupação, mas apenas lugar para a preocupação com toda a espécie de preocupações e para a preocupação com toda a espécie de ocupações, e assim por diante. É por isso que

o filho-da-puta não consente na despreocupação e, assim que vê alguém satisfeito e despreocupado, logo se mete a levar a preceito a sua preocupação, e se intromete de forma a accionar aquele sistema global que para si é o único que vale, intervém a fim de restabelecer a ordem devida (para ele a ordem de vida), interfere a fim de reavivar a consciência da preocupação e do sacrifício que a vida é e deve ser. Para isso incute desde a infância a ânsia de conhecer os valores do passado, de modo a melhor estruturar a orgânica do futuro almejado: a isto chama instrução; também pode chamar desenvolvimento e evangelização, conforme os laços e os rodeios. O filho-da-puta não gosta de viver, por isso gasta todos os seus meios para avi-

var o passado e o reviver. Deste modo se entende que seja sempre imensa a saudade que ele, filho-da-puta, tem do passado, imenso o seu desejo ou ambição de regressar (se possível) ao estado embrional, esse estado em que ia para todos os lugares sem chegar a sair do mesmo lugar. Porque o nascimento, para o filho-da-puta, forçou-o a «factores de correcção extraordinários». O filho-da-puta não quer sair do lugar que ocupa (a não ser para ocupar um lugar relativamente mais-valioso), nem quer que os outros saiam do lugar que ocupam (a não ser para ocupar um lugar relativamente menos-valioso), porque se os outros saem do lugar que ocupam, para ocupar um lugar relativamente mais-valioso, ele, filho-da-puta, perde o lugar relativamente mais-valioso que ocupa, e essa é uma das coisas que mais o preocupam, já que é conveniente que nenhum filho-da-puta saia do lugar mais-valioso que ocupa, a fim de todos os filhos-da-puta ocuparem todos os lugares, todos os lugares mais-valiosos que os filhos-da-puta ocupam e que ocupam os filhos-da-puta. Porque todos os lugares estão cheios de filhos-da-puta, filhos-da-puta que só desocupam os lugares que ocupam para outros filhos-da-puta os ocuparem, filhos-da-puta pais que passam os lugares que ocupam aos filhos-da-puta filhos, filhos-da-puta avós, filhos-de-puta tios que passam os lugares que ocupam aos filhos-da-puta netos, aos filhos-da-puta sobrinhos, e assim incessantemente, e isto desde tempos imemoriais (o que é uma maneira de dizer, dado que deles não há memória). Deste modo,

é difícil analisar o filho-da-puta fora do seu lugar e até analisar certos lugares sem os filhos-da-puta que os ocupam. Há milhares e milhares de lugares que não têm outra valia senão serem lugares a que

os filhos-da-puta dão mais-valia, nem outro préstimo que não seja dar ao filho-da-puta o prestígio da sua qualidade. Há milhares e milhares de filhos-da-puta que não têm mais-valia senão ocuparem os lugares feitos para serem ocupados pelos filhos-da-puta que os ocupem, nem outro préstimo que não seja o prestígio de os ocuparem. É óbvio que o lugar que o filho-da-puta ocupa é muito importante para o definir, pois quase sempre o filho-da-puta ocupa o lugar que melhor lhe assenta e portanto mais lhe convém, ou melhor lhe convém e em que melhor se assenta, e, conforme o lugar que ocupa, assim o filho-da-puta se comporta. Há lugares altos e baixos, largos e estreitos, brutos e delicados; e, do mesmo modo, há filhos-da-puta altos e baixos, grandes e pequenos, ordinários e extraordinários. É extremamente raro haver altos filhos-da-puta a ocupar baixos lugares; menos raro é o caso inverso, de baixos filhos-da-puta a ocupar altos lugares; digamos que é raro um alto filho-da-puta ser soldado raso, mas não é invulgar um baixo filho-da-puta ser do comando, isto para dar um exemplo do seu próprio sistema, dentro do qual o filho-da-puta costuma condizer com o lugar que ocupa e vice-versa, de modo que poucas vezes se encontra um filho-da-puta ordinário a ocupar um lugar extraordinário, e menos ainda um filho-da-puta extraordinário a ocupar um lugar ordinário. Nem todos os lugares podem ser de top, embora todos sejam de pote (ou tacho). Convém no entanto não esquecer que a maioria dos filhos-da-puta ocupa vários lugares (ao seu nível, se pudesse, cada um os ocupava todos), porque os lugares para os filhos-da-puta são ainda mais que os próprios filhos-da-puta e, como é sabido (ou devia ser), os lugares para os filhos-da-puta só podem ser ocupados por filhos-da-puta, e basta. Raras vezes estes lugares são necessários, a não ser aos próprios filhos-da-puta

que os ocupam; como, porém, a maioria dos lugares que existem são lugares dos filhos-da-puta e para os filhos-da-puta, sucede que a maioria dos lugares é necessária à maioria e às suas ocupações e preocupações, e daí a sua importância. Como é de calcular, faz parte destas ocupações e preocupações demonstrar (com razão) que, se ele, filho-da-puta, não ocupasse os lugares que ocupa, a vida seria diferente à superfície da terra. É para este efeito que os filhos-da-puta fazem e refazem os seus estudos, e organizam os seus estados-maiores e estratégias, e os seus «parâmetros de qualidade de vida», as suas análises macro-económicas e os seus estudos de mercado e mercados de estado, com o seu orçamento geral e respectivas redefinições particulares, enfim, os quadros das suas leis e as suas leis ditas de quadros, e ainda as suas teorias, tabelas, estatísticas e estruturações, nas suas escolas, e nas suas repartições, secretarias, institutos e ministérios. No que toca à importância e necessidade dos seus lugares, todos os filhos-da--puta estão de acordo entre si em salientar ser seu dever ocupá-los e, como além disso estão na maioria, não há possibilidade de discutir isto mesmo com eles, pois as regras da discussão são eles próprios que as estabelecem, e as excepções também. Houve tempo em que este papel cabia aos teológicos ditos lógicos, os quais determinavam as regras com que se podia ferir e inferir. Hoje o papel cabe a alguns automáticos ditos informáticos. São eles que planificam a dimensão automática da informação e o desenvolvimento da automatização informática. A táctica é sempre a mesma: «o desenvolvimento pleno». O que acontece é que todo o filho-da-puta, sem negar a sua raça nem perder a sua graça, se organiza em partes e partidos mutuamente complementados para ele poder ter um pé aqui e outro ali, e a cabeça nos dois: digamos que partidos à partida opostos se

juntam na mesma sociedade, e sociedades diversas no mesmo partido. E depois tudo isto se junta no grande corpo chamado nação, cujo espírito acaba por ser a sua total projecção. É aí, dentro do corpo chamado nação, que todo o filho-da-puta, sem deixar de o ser, se especializa no entanto segundo a vocação

em dois modos aparentemente opostos de o ser: é um fenómeno a que o próprio filho-da-puta, na sua terminologia, chama «concertação de medidas», «coordenação de órgãos diversos», ou «acção em diversas frentes», ou simplesmente «racionalização», dado que para ele constitui o processo mais razoável e eficiente de se preocupar com os outros e lhes impedir ou, pelo menos, dificultar a despreocupação. Desta forma, nem todos os filhos-da-puta têm um modo idêntico e homogéneo de usar este seu génio, e é também por isso que é tão difícil abarcar e definir o filho-da-puta de modo concludente e universal. Há

filhos-da-puta vocacionados para fazer e filhos-da-puta vocacionados para não deixar fazer, e estes (desde já se pode afirmá-lo) são os dois tipos universais e eternos do filho-da-puta. Há, naturalmente, subtipos e especializações funcionais com funções especiais: modos de fazer e de não deixar fazer, de fingir fazer e deixar fazer, ou de fingir não fazer e não deixar fazer; no entanto, quer os dois tipos, quer os vários subtipos de filhos-da-puta, todos eles são primeiramente e acima de tudo filhos-da-puta e disso estão todos bem cônscios. É por isso que nem sempre podemos e devemos delimitar rigidamente estes tipos, dado que eles são flexíveis e constantemente se entrecruzam e interpenetram e, sobretudo, constantemente se

ajudam e entreajudam. É impensável que os filhos-da-puta vocacionados para fazer chegassem a fazer o que fazem sem o apoio e o concurso dos filhos-da-puta vocacionados para não deixar fazer; do mesmo modo, é impensável que os filhos-da-puta vocacionados para não deixar fazer chegassem a não deixar fazer o que não deixam fazer sem o apoio e o concurso dos filhos-da-puta vocacionados para fazer. Todo o filho-da-puta colabora com todo o filho-da-puta na tarefa comum de afeiçoar-se e de aperfeiçoar-se em fazer ou não deixar fazer, a fim de impedir uma vida despreocupada. Todo o filho-da-puta especializado em fazer faz tudo o que possa contribuir para que a vida não corra despreocupadamente; todo o filho-da-puta especializado em não deixar fazer não deixa fazer nada que possa contribuir para que a vida corra despreocupadamente. Os

filhos-da-puta especializados em fazer (além do que fazem, pois têm o dedo em tudo, e daí falar-se das suas centrais digitais) ocupam quase sempre lugares altos que, muitas vezes porém, não estão à vista. Além de altos, os lugares dos filhos-da-puta desta categoria, ou tipo, costumam ser largos, mas ora são brutos ora delicados, conforme as circunstâncias e as necessidades locais e momentâneas. É longa, muito longa, a lista do que pode fazer um filho-da-puta especializado em fazer: desde normas e adendas e emendas de formas, até decretos oblíquos e rectos, e despachos discretos, não há nada, não há praticamente nada que um filho-da-puta especializado em fazer não possa fazer. Em toda a parte, um filho-da-puta especializado em fazer encontra ocasião de fazer o que deseja fazer. Desde legislação geral sobre a vida, e respectivos despachos normativos, até à gestão de eventuais e efectivos, passando pela criação e fomento dos

«temas voltados para a formação específica e complementar de técnicos vocacionados para a área em questão», ou seja, por manobras de diversão e investimentos complementares, não há nada que o filho-da-puta exclua do seu método de «sensibilização». Há alguns anos o filho-da-puta fazia e cortava fitas. Agora faz fitas-sem-fim, e para isso tudo lhe serve, porque já descobriu o valor da polivalência em política e ciência: história, antropologia, sociologia, poesia, psicologia e psicanálise; gestão, literatura e marketing; macro e micro-economia, comunicação social e informação regional; linguística, formação geral, logística e mitologia nacional, tudo lhe serve, ou melhor, tudo lhe veio à ideia e continua a vir: uma espécie de balística de dispersão como a caça com tiro de chumbo que, dum ou doutro modo, sempre acerta nalgum alvo, e lá tem consigo o cão para aportar. Para assim poder ser, o filho-da-puta «concerta-se» com outros filhos-da-puta, «concerta-se» em conferências, sociedades e agremiações, e depois nas grandes orquestras chamadas comunidades, estados e nações, com as suas afrontosas fronteiras e circuncisões, de forma que uns têm e outros não, mas para todos, dum ou doutro modo, a vida é de facto uma fonte de preocupação, é deveras um sacrifício constante, uma carreira espinhosa, porque

os filhos-da-puta (embora a estranhos não se dêem muito facilmente a conhecer) *conhecem-se bem uns aos outros*, pelos lugares que ocupam e só podem ser ocupados por eles; deste modo é fácil «concertarem-se» para «desenvolverem acções em diversas frentes», de modo a fazerem as coisas mencionadas e outras, muitas outras, públicas e particulares. Por vezes, negoceiam particularmente o bem público; se isto porém é dito publica-

mente, ofendem-se porque consideram que se trata de uma ingerência na sua vida particular. Todo o filho-da-puta é altamente cioso do prestígio da sua vida particular, porque a vida particular dos filhos-da-puta é quase sempre, de uma ou outra maneira, pública. Todo o filho-da-puta tem sempre um motivo público para os seus actos particulares e um motivo particular para os seus actos públicos. Todo o filho-da-puta tem vocação pública, dado que se ocupa e preocupa tanto com os outros; no entanto, o grande estilo dele, do filho-da-puta, consiste num modo particular de ser público, um modo quase sempre tão particular que é frequente não se saber onde termina o filho-da-puta público e começa o particular e vice-versa, como é óbvio. Por isso sempre

que o filho-da-puta especializado em fazer faz um acordo público, é difícil saber se é um acordo público que traz préstimos particulares ou se é um acordo particular feito de prestações públicas, e o mesmo acontece sempre que ele, o filho-da-puta, faz todas as outras coisas que o filho-da-puta faz, as obras públicas feitas por motivos particulares, os programas de ensino público decretados com intenções particulares, as guerras públicas movidas para obter vantagens particulares, os jornais públicos cujo préstimo é relatar sobretudo os prestígios particulares, os estabelecimentos públicos para ocupações particulares, a assistência pública para lucros particulares, em suma, os negócios públicos feitos para fins particulares e os negócios particulares feitos com meios públicos, e basta. Mas se isto é dito assim ao filho-da-puta especializado em fazer, ele sorri-se desagradavelmente afectado, e pensa seriamente em invocar a ajuda do filho-da-puta especializado em não deixar fazer. Todo o filho-da-puta acha que fazer é um

sacrifício e uma devoção, mas também um dever, é isto que todo o filho-da-puta acha; por isso todo o filho-da-puta especializado em fazer chama a si o sacrifício e a devoção e o dever de fazer e, ao filho--da-puta especializado em não deixar fazer, dá o encargo de não permitir que sejam rejeitados o seu sacrifício, a sua devoção e o seu cumprimento do dever. «Tens alta capacidade de relacionamento e espírito de equipa?», perguntam. «Possuis sentido de responsabilidade e és persuasivo?», perguntam. «És ambicioso e queres ir longe na tua carreira de filho-da-puta?», perguntam. E com isto os filhos--da-puta mostram-se investidores estratégicos, procuram ajudantes e continuadores no ofício e na devoção de fazer o que fazem por vocação e sacrifício. Isto é assim, mesmo quando (ou sobretudo quando) os resultados daquilo que fazem não são a gosto de todos. E alguma vez

os resultados podem ser a gosto de todos?, pergunta o filho-da-puta especializado em fazer. Ninguém, nunca, nenhum rei, nenhum chefe, nenhum santo, nenhum homem de indústria, nem sequer o papa (que, como se sabe, é infalível), ninguém fez nunca tudo a gosto de todos, dizem em uníssono os filhos-da-puta especializados em fazer. César fez o que se sabe e parece que ainda não foi a gosto de todos; Moisés conduziu o povo à terra prometida, e depois?...; e de resto, dizem os filhos-da-puta especializados em fazer: um hospital ou se faz a gosto dos doentes, ou a gosto dos médicos e dos enfermeiros, como é possível conjugar e satisfazer os dois gostos? Às vezes não se fazem as coisas a gosto de ninguém porque não, não pode ser: as escolas, por exemplo, normalmente não se fazem nem a gosto dos professores nem dos alunos, porque não pode ser; aonde iríamos parar se se fizessem por exemplo as prisões a gosto dos presos e

tudo assim, dizem os filhos-da-puta especializados em fazer; e mesmo assim, dizem, é mais difícil fazer que não fazer, e quem faz é que sabe as verdadeiras necessidades de quem não faz, porque quem não faz não faz porque não sabe fazer, e nós é que sabemos fazer, dizem os filhos-da-puta especializados em fazer. Sempre fomos nós que fizemos, foi a nossa cabeça que fez, fomos nós e sempre nós, dizem os filhos-da-puta especializados em fazer, nós fizemos e outros tentaram desfazer, mas nós refizemos, nós refazemos sempre, nós apontamos a direcção devida, o caminho não é só de rosas mas também e sobretudo de espinhos, nós fazemos o que podemos e o que devemos fazer, nós temos o nosso imperativo, é preciso transformar o homem, é preciso humanizar o homem, dizem os filhos-da-puta especializados em fazer, nós fizemos os mapas e refizemos os mapas, e refaremos os mapas quantas vezes for necessário, e fizemos as leis e refizemos as leis, e refaremos as leis quantas vezes for preciso, e fizemos a moeda e multiplicámo-la e achámos que era bom, e ainda estamos longe de estar cansados, e por isso continuaremos a fazer, a fazer e a refazer o que nos ditar a razão e as necessidades de todos, porque

o homem é o nosso alvo, o que no entanto como sempre mais lamentamos são as mulheres e as crianças. É assim que falam os filhos-da-puta especializados em fazer e, enquanto falam, estão por todos os lados rodeados dos filhos-da-puta especializados em não deixar fazer, pois é evidente que, enquanto os filhos-da-puta especializados em fazer ocupam o seu tempo fazendo, tem que haver outros filhos-da-puta que zelem por que nada seja feito que desfaça o que fazem os filhos-da-puta especializados em fazer. Até onde chega a memória, sabemos que os filhos-da-puta especializados

em fazer colaboram estreitamente com os filhos-da-puta especializados em não deixar fazer, colaboram e fazem o necessário para assegurar a existência dos filhos-da-puta especializados em não deixar fazer, e vice-versa, ou seja: os filhos-da-puta especializados em não deixar fazer têm por ocupação e preocupação máxima não deixar que se faça nada que vá desfazer o que fazem os filhos-da-puta especializados em fazer. Muitos dos filhos-da-puta especializados em não deixar fazer trazem sinais distintivos, verde securitas ou Securitate, azul polícia ou pulhícia, cinza guarda ou fila, e até às vezes o país paisana; por isso são conhecidos e usualmente temidos, porque estão em toda a parte e sempre para restringir e bloquear, para não deixar fazer, estão em gabinetes e em repartições e em salas públicas, estão em todos os bairros, em todas as cidades, em todas as vilas, estão nos portos, nos parques, nas fronteiras, no átrio dos edifícios públicos e de alguns particulares, estão à porta da passagem para deterem a menor por vadiagem e depois negociarem a sua saída por baixo da saia, estão onde lhes convém estar e não deixam fazer nada do que seria natural que se fizesse, para se fazer e ver fazer o que se deve fazer e não é natural que se faça. Mas

ao lado destes, há ainda outro «a quem a nação, a comunidade, a empresa devem assinaláveis serviços»: *o filho-da-puta por conta própria*, o filho-da-puta mais ou menos particular, vocacionado para não deixar fazer mais ou menos publicamente. Este filho-da-puta vigia atrás das janelas, atrás das portas, atrás das sebes e dos muros, vagueia e vigia nos albergues, nas pensões, nos asilos. Pode vigiar nas festas e nos funerais, de dia e de noite, de verão e de inverno. Nem sempre porém se limita a vigiar e a impedir. Ele, este filho-

-da-puta, sabe também levar a abortar tudo quanto no seu entender nunca devia brotar. Muitas vezes aparece de súbito à cabeça dum grupo com a missão de o arruinar, e é vê-lo como se sai bem e o grupo se sai mal. Aos que agem contra essa sua sabotagem considera enormes violadores das normas. Por isso ele, este filho-da-puta, inventa normas próprias de usar programas e programas próprios de usar normas, vende armas para pogroms programados e programa pogroms para armar vendas, defere impedimentos, diz que não pode ser porque nunca foi, recusa-se a servir de intermediário, a aceitar sugestões ou variantes, impede tudo quanto sirva para facilitar a existência aos outros, levanta o dedo, ameaça, lamenta, volta as costas, finge que não vê, não responde, não ouve, não fala, não sabe, não quer, não pode. Um dos lugares que este filho-da-puta especializado em não deixar fazer mais gosta de ocupar é uma secretária: uma secretária de secretaria, ou uma secretária de escola. Toda a secretaria, toda a escola é lugar predilecto deste filho-da-puta especializado em não deixar fazer, porque

***a secretaria, toda a secretaria da mais baixa à mais alta, não é, como se supõe, o lugar onde se faz, mas o lugar onde se não faz,* onde se sonega, onde se põe por baixo do monte o papel que devia estar em cima, onde desaparecem pistas dentro de pastas, onde se dificulta, se atrasa a entrega, se mexerica, se intriga, se afirma desconhecer o que se conhece e conhecer o que se desconhece; na secretaria se começa a deixar de fazer aquilo para que a vida foi feita, e se continua a deixar de fazer, e cada vez mais se deixa de fazer aquilo para que a vida foi feita e se passa a fazer o que convém à secretaria que se faça, até ao ponto de acabar por nada mais se fazer senão o que serve à secretaria,**

que é o que não serve às pessoas, e não fazer o que serve às pessoas, que é *o que serve* à secretaria. A secretaria, toda a secretaria é um lugar de omissão, de omissão de vida, e assim a secretaria é um lugar onde o filho-da-puta tem ocasião de obrar e manobrar, de invocar e convocar, de atar e desatar, ou seja, tem ocasião de desempenhar «a sua missão». Do mesmo modo a escola, toda a escola é lugar predilecto deste filho-da-puta especializado em não deixar fazer, porque

a escola não é, como se supõe, o lugar onde se aprende a fazer, mas o lugar onde se aprende a não fazer; a escola, toda a escola, da mais baixa à mais alta, é o lugar onde se assegura a formação contínua duma continuada conformação, onde se aprende o que se não deve fazer e o que se não deve pensar, o que se não pode fazer e o que se não pode pensar; a escola é desde o início o lugar onde se deixa de fazer, onde se deixa de fazer o que é natural fazer e onde se deixa de pensar o que é natural pensar, essa é a escola; na escola se começa a deixar de fazer e se continua a deixar de fazer e cada vez mais se deixa de fazer, até ao ponto de acabar por nada mais fazer senão o que serve à escola, que é o que não serve à vida, e não fazer o que serve à vida, que é *o que serve* à escola. A escola, toda a escola, desde a geral à especializada, sempre primária sobretudo quando o é superiormente, é um lugar de omissão, de omissão de vida, e assim a escola é um lugar onde o filho-da-puta tem uma boa ocasião de se empenhar, ou seja, de desempenhar «a sua missão»; para isso a escola prepara bem o seu próprio escol, a fim de bem garantir o que é necessário impedir: o livre pensamento, ou seja, livre dos livros pensados para o tornar impensável. Assim o escol do filho-da-puta leva a cabo «a sua missão», trocando conhecimen-

tos queridos por conhecimentos adquiridos, e nisso mais não faz que continuar o lar, o lugar excelso do filho-da-puta que não deixa fazer, porque, como o nascimento é o pior que lhe podia acontecer, começando por colocá-lo à mercê, o filho-da-puta filho não pensa senão em tornar-se depressa filho-da-puta pai, forjando para isso outro que fique por sua vez à sua mercê; e assim sucessivamente o filho-da-puta ascendente começa por «corrigir» no descendente as suas tendências naturais, começa por impedir que ele faça aquilo que ele naturalmente gostaria de fazer em consequência de ter nascido, procura desde começo prepará-lo para o sacrifício da vida, incute-lhe ocupações e preocupações, incita-o a ocupar a vida citando-lhe as preocupações de a viver, leva-o a ocupar-se com uma infinidade de preocupações e a preocupar-se com outra infinidade de ocupações, respeitantes a si mesmo e aos outros, diz-lhe «deixa isso, isso não é para nós; tens a religião que é para todos e, se fores um cidadão cumpridor, tens a liberdade de dormir num lugar e de trabalhar noutro.» Assim o filho-da-puta ascende por sua vez a pai, e assim vai assistindo ao seu próprio trabalho e sentindo orgulho na obra feita e na obra desfeita, sentindo orgulho à medida que o seu filho vai deixando de fazer o que seria natural que fizesse para passar a fazer o que ele, filho-da--puta, faz; vai sentindo orgulho à medida que vê o seu filho transformando-se cada vez mais no seu filho-da-puta, noutro filho-da-puta, num filho-da-puta também. Ser

filho-da-puta pai requere naturalmente espírito de equipa, responsabilidade e ambição. É no momento de se tornar pai que o lídimo filho-da-puta faz prova daquilo que é. É aí que ele assume o bastão, aí que é reconduzido, que se enquadra

porque criou o seu quadro, isto é, o seu herdeiro, isto é, possibilitou a perpetuação legítima da sua lei na sua laia, e teve a quem legar o seu legado. «O meu, sim», ou «o meu, não», diz ele, e já pensa no ganho que vem de ontem para amanhã, enquanto o filho pensa na herança, na apanha da herança e, se o filho-da-puta pai não estava ainda bem definido, fica-o então em definitivo. Porque no momento em que o seu filho, que parecia só filho de comerciante, ou filho de gestor, ou filho de traficante, ou filho de padeiro ou filho de engenheiro, porque o filho assim aparece no surro e surrado e suado, ou então na batinha e na gravatinha e no colégio que lhe dão, suíço ou do sagrado coração, no momento em que parece continuar também ele a vocação, isso é decisivo. Desde a posição do osso do pescoço ao modo de vestir e abrir para urinar, ou levantar a saia para mijar, o filho-da-puta muda num éclair quando se torna pai, não emudece mas muda, muda quase tudo, ou nele quase tudo muda. Claro que ele, o *novo filho-da-puta*,

nem sempre é idêntico ao filho-da-puta progenitor. «Quero que sejas mais filho-da-puta que eu», diz o bom pai ao filho. Os processos velhos geram insucessos novos, por isso há que mudar sempre os processos.Dantes o filho-da-puta vendia almanaques das missões, hoje organiza os concursos dos mil milhões. Quantas e quantas variedades de filhos-da-puta não oferecem estes grandes tipos de que estamos falando! Quantas «acções desenvolvidas em diversas frentes»! O tempo e a paciência que não seriam precisos ao seu estudo e à sua exacta definição! Desde o filho-da-puta que parece que faz, porém apenas finge que faz, instalado em lugares de direcção ou fardado à porta de edifícios públicos e particulares, passando pelo filho-da-

-puta que finge que deixa fazer, que leva e traz, vai acima e vem abaixo, diz: «faça, mas porque não faz?, o que é preciso é quem faça, mas faça, faça!»; e leva e traz, vai acima e vem abaixo, está bem em todo o lado, mas onde está melhor é no seu lugar, até ao filho-da-puta que finge que não faz, finge que não observa e não informa mas observa e informa, que imensa e sempre interessante gama de filhos-da-puta! Por exemplo o operacional que só finge e não opera. Tem sempre a seu cargo uma operação de fiscalização, de entradas ou saídas, de compras ou de vendas, de acordos, pagamentos e outros préstimos; sucede porém que também lá tem uma ração, e eis como o operacional se torna compreensivo e racional. Por isso, ele, o filho-da--puta que apenas finge que não deixa fazer, tem também a seu lado, sempre, uma grande bacia para lavar as mãos. Está sempre a lavar as mãos, e ao mesmo tempo a pescar as moedas atiradas para a sua rede («tudo é peixe», diz ele), e essa é a sua real actividade e é por isso que, ocupado como está em lavar as mãos e portanto sempre de costas, não vê o que se supõe que devia ver e, ao mesmo tempo, tem as mãos sempre limpas e humedecidas. Claro que este filho-da-puta não trabalha sozinho, já vimos que nenhum filho-da-puta trabalha sozinho: tem sempre quem lhe chege a toalha e o sabão, enquanto alguém lhe derrama a água morna nos dedos, e outrem ainda lhe canta ao ouvido a moda da moeda submersa, que ele escuta sempre com delicada condescendência. Assim correm e deslizam os rodízios no mundo dos filhos-da-puta;

e como são tantos e ocupam tantos lugares, alguns deles até se podem permitir fingir que o não são, pois acima ou abaixo, à direita ou à esquerda, em casa ou na escola, atrás da janela ou da porta, ou noutro lugar qualquer, há sempre um filho-da-

-puta que fazendo ou não deixando fazer, ou fingindo que faz ou que deixa fazer, ou que não faz ou que não deixa fazer, se encarrega de que neste mundo não haja nunca deslizes no correr e deslizar dos «acasos» felizes e infelizes.



TUDO quanto acabamos de verificar oferece naturalmente o seu interesse e tem também algum proveito, sucede porém que não pusemos ainda uma das mais candentes e controversas questões respeitantes ao filho-da-puta: como vive o filho-da-puta? Será que compensa ser filho--da-puta? A ideia de que ser filho-da-puta deve compensar (e de que por isso mesmo há tanto filho--da-puta) está muito arreigada; está arreigada a ideia de que o filho-da-puta não sai do lugar que ocupa porque está bem instalado, gozando à larga as vantagens que a sua condição de filho-da-puta lhe proporciona, as vantagens, as isenções, as imunidades, os privilégios, os descontos, as rendas, os lucros especiais, os juros normais, os direitos de excepção, as excepções em geral, as regalias, as alcavalas, as luvas, as gorjetas, as ajudas de custo, os subsídios, as comissões (as comissões dadas ao filho-da-puta particular por tudo quanto o filho-da-puta público encomenda, tanto pelo computador como pelo papel higiénico), as comissões, os presentes, as atenções, os serviços públicos ao dispor, o camião público para o transporte particular, a refeição gratuita em atenção à farda (ou em sua intenção), e assim por diante, quase indefinidamente. Esta visão das coisas, no entanto, é assaz superficial, pois,

como houve ocasião de ver, nem todos os lugares que os filhos-da-puta ocupam são altos e largos, mas também os há baixos e estreitos e, sobretudo, ser filho-da-puta é uma disponibilidade para certa (in)disposição de espírito. Não está ainda bem averiguado se a incapacidade de viver e de deixar viver que o caracteriza é congénita ou adquirida; por outras palavras, ainda não se sabe bem se o filho-da-puta nasce filho-da-puta ou se o filho-da--puta se faz. Adiante voltarei a este assunto mais detidamente, no entanto julgo poder desde já afirmar que o filho-da-puta em parte já nasce e em parte faz-se. Se falta uma destas condições (e, a faltar, normalmente é a segunda que falta), eis-nos perante o que se poderia chamar o filho-da-puta frustrado, isto é, aquele filho-da-puta que vive na esperança de poder fazer ou não deixar fazer o que lhe pede a vocação pela voz da vontade; o que sucede é que o lugar que lhe convém está já ocupado, ou então ainda não existe, ainda não foi procriado. Falta ainda um projecto «vida» ou um projecto «sida», falta a evidência do lucro da previdência e a solidariedade com a primeira ou terceira idade, o enxovalho do passe que nem sempre passa, falta o acidental, faltam os acidentados como alvo de pesquisa de dados. Estes casos, porém, só à margem nos interessam. O filho-da--puta integral, o que o é por disposição e por ocupação, o que pôde realizar sem limitações a sua vocação de filho-da-puta, já sabemos que nem quer viver nem deixar viver, e um dos seus traços distintivos, já sabemos também, é ocupar-se sobretudo com a despreocupação dos outros. Pode naturalmente dizer-se que ser filho-da-puta significa primariamente tentar acumular o máximo possível de vantagens, préstimos, privilégios, etc., e que talvez esta tentativa de acumulação à custa dos outros comece por ser um modo de compensar o sacrifício que ele, filho-da-puta, acha que a vida

é e deve ser. Talvez! No entanto, nunca tarda muito e o filho-da-puta é colhido pela engrenagem das suas próprias ocupações e preocupações; à força de querer ocupar lugares e chamar a si o sacrifício e a responsabilidade (ou, por outras palavras, as vantagens e as isenções, etc.), à força de não querer sair dos lugares que ocupa e de ocupar cada vez mais lugares, e à força de tanto se preocupar com a despreocupação dos outros, o filho-da-puta verifica cada vez mais que a vida é realmente uma fonte de preocupações e de ocupações preocupantes, um lugar de sacrifício, um vale de lágrimas, uma triste carreira espinhosa. «Vão trabalhar», diz ele aos que vê parados; «se andassem a trabalhar», diz ele aos que não vê preparados; «deixem trabalhar quem trabalha», diz ele aos que não acha equiparados. «Vão trabalhar, vão trabalhar», diz ele no meio dos seus cuidados. Assim, como é costume dizer, se volta o feitiço contra o feiticeiro. Quantas mais ocupações o filho-da-puta tem, para ter também as respectivas vantagens, privilégios, etc., tantas mais preocupações o assaltam e consomem. Se por exemplo se desloca uma vez por mês à cidade para assinar os cheques da casa de que é director ou administrador, consome-se por causa do incómodo da viagem, dos atrasos, da hora de chegada, e por isso muitas vezes não vai. Não se trata de gozar esse tempo, nem se trata de greve. A greve é um direito que ele não tolera, porque ele nunca tolera, antes tolhe, toda a espécie de direitos, para colher deveres e, quantos mais direitos tolhe, claro, mais deveres colhe, que é o que lhe calha. Isto não se pense que diz apenas respeito ao filho-da-puta especializado em fazer, mas igualmente, se não mais até, ao filho-da-puta especializado em não deixar fazer, o qual quanto mais vasto é o número de coisas que não deixa fazer, mais se sente ocupa-

do e preocupado por essa ocupação. É por isso que ele,

o filho-da-puta (mesmo quando ainda o não sabe), *vive de um modo geral preocupado*, vive tanto mais preocupado quanto mais filho-da-puta é, vive preocupado com as suas ocupações e com a despreocupação dos outros, vive em permanente inquietação mesmo quando aparenta calma, tudo o que é novo o perturba, é para ele causa de tormentos e de temores. Mas quanto mais teme e se atormenta, maior é a sua necessidade de continuar a fazer, de fazer cada vez mais, ou então de continuar a não deixar fazer, de deixar fazer cada vez menos. E quanto mais faz, ou quanto menos deixa fazer, maior é o receio: o receio de não poder continuar indefinidamente a fazer o que faz ou então a não deixar fazer o que não deixa fazer, receio do futuro e do presente e quase sempre até do passado. O filho-da-puta nunca está satisfeito: por isso acumula, tenta acumular tudo o que pensa que são vantagens, por isso tem inveja, tem sempre inveja, inveja de tudo; por isso dorme mal, por isso tem prisão de ventre, por isso tem dores de cabeça. O filho-da-puta sente que devia estar permanentemente desperto, muito perto, cada vez mais perto dos princípios que levam à formação dos meios que conduzem à realização dos seus fins; o filho-da-puta sofre a dor de «desperdiçar» tempo a dormir, lamenta o «efeito» de «desperdiçar» tempo a defecar, e é por isso que o filho-da-puta dorme mal, é por isso que retém as fezes; e é por isso que o lugar das fezes do filho-da-puta é dentro do filho-da-puta e não fora do filho-da-puta. Este

reter das fezes, esta contracção do músculo anal, este receio, esta constante angústia provêm de ele

saber que na verdade ninguém o obriga a fazer o que ele faz, ou a não deixar fazer o que ele não deixa fazer, que na verdade ninguém o obriga, embora ele pretenda o contrário, ele pretenda sempre o contrário, pretenda sempre fazer crer que faz o que faz ou que deixa de fazer o que deixa de fazer, porque a tal é obrigado, e assim é, e assim não pode deixar de ser, e nem adiantaria pretender-se outra coisa. Mas o filho-da-puta sabe que faz o que faz, ou que não deixa fazer o que não deixa fazer, por uma disposição interior, uma disposição de espírito, essa fatal disposição de espírito que o leva a não viver e a não deixar viver. Ninguém exigiu nunca dele que transformasse e humanizasse e que, para isso, fizesse os juros, as cercas, o arame-farpado, as normas, as regras e as excepções, os graus, as habilitações, os certificados, os pareceres, as comissões, os testes, os tratados, as teorias, os códigos, os acordos, as fórmulas, os projectos de viabilização, ninguém o incumbiu de se sacrificar pela ordem e pelo progresso, ninguém o quer ver preocupado; é ele mesmo que assim o quer. Ainda quando está em férias, o filho-da-puta preocupa-se com o que os outros estão a poder fazer na sua ausência; *o filho-da-puta* preocupa-se com o que os outros fazem na sua presença e na sua ausência, *e até com o que os outros não fazem mas podiam fazer*. E se assim é, e disso não há dúvida, como é possível haver ainda quem sustente que

é agradável a vida do filho-da-puta? É certo que há filhos-da-puta que estão convencidos que levam uma vida agradável, filhos-da-puta normalmente preocupados em frequentar com assiduidade lugares de diversão e de recreio,

no entanto, justamente porque estão preocupados

em frequentar esses lugares, mesmo aí não sossegam nem conseguem sentir aquela despreocupação que só conseguiriam sentir se não fossem filhos-da-puta. A vida do filho-da-puta não muda, nunca muda. De resto não muda nem nos lugares de fasto, de diversão e recreio; enquanto se diverte, vê nos écrãs as catástrofes e as crises e, embora isso por um lado o divirta, por outro lado é certo que ali o irrita; enquanto come, ou passa o tempo preocupado com o que diz, ou com a dieta, ou lembrando outras comidas noutros lugares com outros filhos-da-puta, e desse modo come preocupadamente e preocupando os outros, lembrando que se pode comer melhor e que ele já comeu melhor. Se vai a um espectáculo, não vai para safisfazer uma necessidade de recreio e diversão, dado que o filho-da-puta não tem necessidades dessas; o filho-da-puta vai porque ir faz parte das suas ocupações, faz parte das suas obrigações de filho-da-puta, vai mostrar que foi, que cumpriu a sua obrigação, e vai para ver, para controlar se os outros foram, se cumpriram a sua obrigação de ir aonde os filhos-da-puta entendem que se deve ir. O filho-da-puta vai e procura com os olhos e procura com os ouvidos os que acha que deviam ir, e preocupa-se com os que estão e com os que não estão, preocupa-se com o lugar em que estão os que estão e com o modo como estão, e preocupa-se com os que não estão, e pergunta sempre com ar admirado e levemente reprovador «se alguém não está», «se alguém não esteve», «se alguém faltou e porquê», «porque faltou», «em que ocupou o tempo» quem não ocupou o tempo como o filho-da-puta entende que devia ter sido ocupado o tempo. Por isso, nos lugares de diversão e recreio, o filho-da-puta nunca se diverte realmente, nada o satisfaz verdadeiramente, tem sempre o que tem, e faz sempre o que faz não tanto para se satisfazer, como sobretudo para mostrar que tem e que faz, o

que tem e o que faz, a quem não tem e a quem não faz. E se assim é, uma vez mais

tudo leva a crer que ser filho-da-puta não compensa. Ser filho-da-puta não é solução mas necessidade, uma (in)disposição que arrasa a vida dos outros sem levantar a própria, ou levantando-a só aparentemente. E justamente por isso não só há filhos-da-puta a viver em palacetes como filhos-da-puta a morar em barracas; filhos-da-puta que nunca saem de casa com mau tempo e outros cuja missão os obriga a arrostar com todos os temporais; filhos-da-puta que prosperam a mendigar e outros que definham a dar a juros; e filhos-da-puta que fazem férias toda a vida e outros nunca. Na verdade,

não há razão para invejar o filho-da-puta, mesmo porque a inveja é o quarto traço distintivo e identificativo do filho-da-puta. O filho-da-puta vive preocupado, roído de inveja; o desejo do filho-da-puta é que ninguém estivesse nunca no meio do novo, do belo, do agradável, porque isso dá satisfação a quem lá está; que ninguém fizesse nunca nada de novo, de belo, de agradável, que isso vem alterar a ordem das coisas, e o filho-da-puta só se sente à vontade quando as coisas estão na ordem e ele à frente delas. Por isso tudo quanto os outros fazem o inquieta e preocupa. Por isso também é sabido que gosta de dizer mal de tudo quanto é novo, belo e agradável, pôr em causa tudo quanto lhe causa surpresa; sente-se presa da novidade, gosta de dizer mal e de pôr em dúvida, gosta de rebaixar, de destruir tudo quanto é novo, belo e agradável, gosta de lançar a desconfiança, a suspeita sobre tudo quanto é novo, belo e agradável, gosta de abalar, de estragar, de não deixar

fazer tudo quanto é novo, belo e agradável. Porque isso tudo, na sua ideia, desfeia. O gozo dos outros, sobretudo o amoroso, línguas que se lambem, na sua ideia isso desfeia. Faz a boca feliz mas, na sua ideia, desfeia. O amor faz-lhe inveja, por isso ele o proíbe ou inibe, embora o permita e admita em imagem porque, como a imagem cria o desejo e não o gozo, dela nasce mais o desespero que o esperado. *O lema do filho-da-puta é*

***amar a humanidade em geral e odiar toda a gente em particular*. É por isso que aceita que os outros façam, mas só o que ele quer que se faça, aceita que os outros façam o que ele faz, que o imitem, que se imitem uns aos outros, e por isso a escola é um dos lugares onde o filho-da-puta está mais à vontade. De resto, o filho-da-puta procura rebaixar tudo quanto é novo, belo e agradável, rebaixar pelas palavras que usa, pelas meias palavras, dizendo por exemplo que «não está mal» aquilo que está bem, ou dizendo que «o futuro é dos novos, mas eles vão por um caminho errado», ou dizendo que o vendedor de cautelas é um «actor fracassado», quando a cautela do vendedor é ser o que ele gosta, e ele não gosta de ser actor; o filho-da-puta gosta de rebaixar pelo tom e entoação que dá às palavras, pelo modo de ensinar e de insinuar, de olhar e de obrar, pelo modo de pôr os pés no chão, de andar e de mandar, de rir, de escarrar, de arrotar. Todos os filhos-da-puta procuram rebaixar, tirar a dignidade, e não só a quanto é novo, belo e agradável, mas a quanto não é próprio das ocupações do filho-da-puta. Se o filho-da-puta precisa de comprar o trabalho de alguém, e para isso põe um anúncio, não pede um trabalhador, não diz que precisa, diz que aceita um trabalhador, que aceita o trabalho de alguém: «aceita-se trabalhador», dizem então todos os**

filhos-da-puta, e com isto já estão rebaixando o trabalho de que precisam e que dizem aceitar. O filho-da-puta gosta sempre de rebaixar pelo entoação que dá às palavras, pelo modo de insinuar, de olhar, pelo modo de pôr os pés no chão, de andar, de *rir*, de escarrar, de arrotar. Também há filhos-da-puta que evitam escarrar e arrotar, claro que também os há; esses, em compensação, preocupam-se tão excessivamente com a própria limpeza que há algo de repugnante no modo como utilizam o que chamam «bidé» após cada acto de defecar. Em relação ao conhecimento do filho-da-puta, tudo isto tem apenas valor anedótico, dado que

como se vê (como já sabemos), nada disto caracteriza universalmente o filho-da-puta. Há filhos-da-puta que todos os dias mudam de camisa e outros que nunca o fazem; o que acontece (e isso já os caracteriza) é que ambos fazem o que fazem, ou não fazem o que não fazem, movidos pela mesma sordidez. O filho-da-puta que tem empregados deixa-lhes um desnecessário excesso de sujidade para eles limparem, porque são empregados-para-isso; o filho-da-puta empregado-para-isso por sua vez nunca quer eliminar de vez a suja idade. Ambos têm a sordidez própria do filho-da-puta, que num dos casos se manifesta em excesso, no outro em falta. Ambos têm o seu quinhão de sordidez, ou mesquinhez, própria do filho-da-puta, a sua preocupação em que nada aconteça despreocupadamente, ambos têm essa preocupação, um por excesso, outro por falta. Mas seja por excesso ou por falta que se manifesta, o filho-da-puta nunca tem tempo para viver, nunca tem tempo nem disposição, dado que todo o seu tempo e toda a sua (in)disposição vão para as suas ocupações e preocupações de filho-da-puta e basta. Porque é-se

filho-da-puta em *full-time*. («Não perca o seu precioso tempo»...). De manhã à noite, e de noite até de manhã, o filho-da-puta nunca se esquece de que é filho-da-puta; normalmente tem quem se ocupe das suas coisas pessoais e quotidianas, de modo que fica com o tempo e a disposição livres para as suas ocupações de filho-da-puta. Ele, o filho-da-puta, levanta-se e veste a roupa que tem na gaveta, porque tem sempre alguém que lhe põe a roupa lavada e passada na gaveta; veste a roupa que tem na gaveta e vai tomar o café, porque tem sempre alguém que lhe faz e traz o café; toma o café e lê o jornal, porque tem sempre alguém que lhe traz o jornal; e assim continua usualmente o dia do filho-da-puta. Não tendo que se preocupar com as suas próprias coisas, o filho-da-puta fica com o tempo e a disposição livres para se preocupar com as coisas dos outros, com as coisas com que os filhos-da-puta se preocupam. Isto não quer dizer que entre quem lava a roupa e faz o café e traz o jornal do filho-da-puta não haja também filhos-da-puta; é evidente que os há, só que: pouco podem, pois o filho-da-puta integral tem tempo para se preocupar com os outros e com a sua vida justamente porque há sempre quem o liberte das suas preocupações quotidianas e pessoais, e por isso também não admira que deseje sempre que tudo se mantenha como está, tudo no lugar em que está e como está, tudo e todos. No entanto, o filho-da-puta nunca chega a aproveitar destas vantagens, pois pensa mais em não perdê-las amanhã que em vivê-las e gozá-las hoje. Apesar de tudo, sim, apesar de tudo

o filho-da-puta está relativamente contente consigo. Está preocupado com a vida dos outros e descontente com a vida em geral, mas relativamente contente consigo. O filho-da-puta acha sempre que tirou o melhor partido da má partida que foi ter

nascido, e do péssimo partido que é viver. O filho--da-puta consola-se muito com o infortúnio dos outros, com a crise dos outros, com a doença dos outros. Os outros também estão em crise, os outros não passam melhor, os outros não fizeram melhor, os outros também perderam, «lixaram-se», «quilharam-se», diz o filho-da-puta, exultante. Nada atrai mais o filho-da-puta, nada o consola tanto como o relato da doença ou da crise que assola os outros. É por isso que os jornais do filho-da-puta e para o filho-da-puta só relatam as crises e os desastres e as tristes ocorrências; os jornais e a rádio e as revistas e a televisão do filho-da-puta só relatam as crises e os desastres e as tristes ocorrências; jamais os jornais e a rádio e as revistas e a televisão do filho-da-puta levantam a voz para anunciar que há um lugar onde a vida corre despreocupadamente, sem crises, nem desastres, nem tristes ocorrências. De resto, o filho-da-puta gosta de falar de doenças, de assistir a desastres, de rever cenas de guerra, de ver tristes ocorrências; o filho-da-puta sente-se confirmado sempre indirectamente, sempre na preocupação dos outros, ou no que ele julga ser a preocupação dos outros; por isso só se alegra com a fraqueza alheia e ri francamente das minorias, dos que são poucos e diferentes dele, ri porque é essa a única alegria de que é capaz. A única de que sempre foi capaz. Mas, eterna questão,

o filho-da-puta será eterno? Será eterno o filho--da-puta? Sim, tudo leva a crer que sim, que *o filho-da-puta é eterno*. Quem não verificou, por exemplo, quem não sabe o que sucede sempre que os filhos-da-puta institucionalizados e instalados começam a ficar gastos e cansados e já mal conseguem controlar a sua própria vida, quanto mais a vida dos outros? Quem não verificou que dentre

estes outros, ainda crus, são apurados então os novos filhos-da-puta, os que de novo são instalados para dar viço às ordens de serviço e cartões de admissão, para fazer e não deixar fazer, continuadores sempre legítimos, mesmo quando parece que o não são? Este fenómeno é talvez a chave para

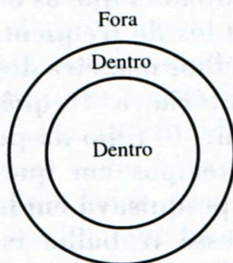
a resolução das nossas questões. Pois se assim é, é óbvio que o filho-da-puta nasce, pois só um filho-da-puta nato está em condições de suceder a outro filho-da-puta; por outro lado, o filho-da-puta faz-se, pois só a oportunidade de se desenvolver integralmente como filho-da-puta lhe permite especializar-se e levar a verdadeira vida de filho-da-puta. É por isso que há sempre um infindo número de filhos-da-puta natos que passam a vida à espera do seu devido lugar entre a nata dos filhos-da-puta, mas por muito que suem, não possuem as armas «logísticas» para se alojarem; esses muitas vezes despem as vestimentas e depõem o interesse no investimento, abanam as cabeças e deixam-se abater. As coisas

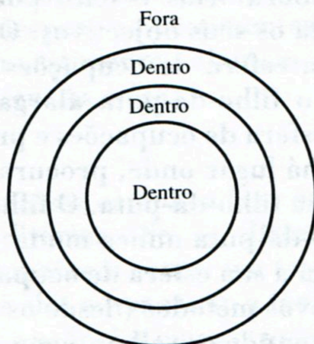
como se vê, são assaz complicadas e às vezes até um pouco contraditórias. Se se disser que certos filhos-da-puta morrem com o seu tempo, então há que convir que eles mesmos são a fénix da lenda, a que renasce das próprias cinzas (*software* novo em folha e respectivo *hardware*). É assim que em cada época e lugar o filho-da-puta encontra os processos mais adequados à realização das suas preocupações de filho-da-puta, mas sucede que com cada nova época alarga também a sua esfera de ocupações e preocupações. Hoje

o filho-da-puta conduz subtilmente à greve da

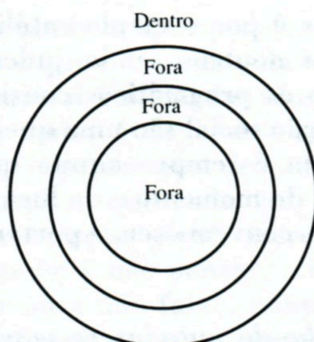
fome aqueles que outrora executava publicamente; o filho-da-puta em tempos chamava escravos aos que hoje chama emigrantes. Dantes, o estado de segredo criado pela censura encobria os abusos da ditadura; hoje, o segredo de estado criado pela democracia protege os usos da *maffia.* Houve uma época em que o filho-da-puta entendia que a melhor maneira de não deixar os outros fazer o que ele entendia que os outros não deviam fazer era impedi-los de frequentar a escola; hoje entende que a melhor maneira de obter isso mesmo é tornar obrigatória a frequência da escola. A escola mudou; o filho-da-puta é sempre o mesmo. Houve tempos em que o filho-da-puta perseguia quem pesquisava em laboratórios, pois pressentia que esse trabalho ia contra os seus objectivos de filho-da-puta; hoje em dia colabora com quem labora nos laboratórios, ou elabora ele mesmo esses laboratórios, pois o trabalho dos laboratórios é feito por sua conta e tendo em vista os seus objectivos. O filho-da-puta alargou a sua esfera de ocupações à escola e ao laboratório, o filho-da-puta alarga permanentemente a sua esfera de ocupações e preocupações, e por isso não há lugar onde, procurando bem, não se encontre um filho-da-puta. O filho-da-puta não muda, o filho-da-puta nunca muda, é eterno; mas evolui e alarga a sua esfera de ocupações, espraia-se, utiliza novos métodos (desde os sanitários aos cemitérios), quando os velhos, como tudo, acabam por gastar-se e deixar de ser eficazes. Essa é uma das *técnicas* (ou progressos) *do filho-da-puta:* espraiar-se multinacionalmente em círculos concêntricos, cada vez mais largos, abrangendo no novo círculo tudo o que tenda a libertar-se do antigo:

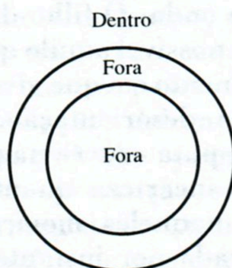






a outra *técnica* (ou progresso) do *filho-da-puta* consiste em penetrar redondamente, com os seus circuitos,em círculos cada vez mais apertados, abrangendo no novo círculo tudo quanto aí se escondia do antigo, rangendo e gatinhando e engatilhando até chegar ao centro, ou umbigo:







nada, nada pode deter todo este raiar e espraiar, e o mesmo se pode naturalmente dizer do lugar que o filho-da-puta ocupa. O filho-da-puta, já sabemos, está em todos os lugares, mas tem hábitos e modos diversos, conforme o sítio em que se encontra. Se em certos sítios do sul é digamos muçul-

mano, noutros é por exemplo católico e noutros protestante, e noutros ainda judeu ou mesmo ateu. Por isso os pragmáticos consideram que a ordem e a função social são uma questão de gosto. O filho-da-puta é sempre aquilo que os outros filhos-da-puta do momento e do lugar são; é, porque é isso que «convém» ser, e portanto é isso

que ele é. *O filho-da-puta insere-se sempre no processo em curso*, qualquer que ele seja, e esse é mais um traço distintivo do filho-da-puta. O filho-da-puta colabora, e está sempre no vento, sempre na maré, sempre na onda. O filho-da-puta é sempre no mais alto grau possível aquilo que «convém» ser no lugar e no momento em que vive. O grande problema, a grande desorientação, a infelicidade suma do filho-da-puta ocorre naqueles momentos de transição, de incerteza quanto ao rumo dos acontecimentos, naqueles momentos em que a balança está parada por instantes e não se sabe qual o prato de maior peso, é nesses momentos que o filho-da-puta se torce e contorce, na busca desesperada de «parâmetros», dos seus queridos parâmetros, ou simplesmente de uma linha, de um rumo, da sua linha, do seu rumo de filho-da-puta. É nessas ocasiões sobretudo que ele, o filho-da-puta, se queixa, que aparece em todos os lugares dizendo «isto está mau», e não adiantando mais nada. Sim, para o filho-da-puta nada pior que não saber qual é a preocupação dos outros, não saber enfim o que os outros pensam, o que os outros acham, o que os outros sabem. É por isso que organiza testes, toda a espécie de testes, e programas, toda a espécie de programas, e sondagens, toda a espécie de sondagens, e inquéritos, reuniões de grupo, reciclagens, estágios, exames, modos de através de um ritual de perguntas e respostas tentar apurar dos outros o que os outros normal-

mente tentam também apurar dele: o que pensam, o que acham, o que sabem da vida uns dos outros. Mas quanto mais normalizadas são as perguntas e as respostas, maior é também a sensação que o filho-da-puta experimenta de nada saber dos outros. É por isso que cada vez mais promove órgãos de orientação geral, instrumentos para levar a pensar ou a não pensar, a fazer ou a não fazer, a falar ou a não falar, sempre segundo os mesmos critérios nas mesmas circunstâncias. Serviços técnicos, gabinetes de coordenação, institutos de apoio, centros de divulgação e de documentação, departamentos de planeamento, sectores de estatística, gabinetes de gestão, comissões do ambiente, núcleos de inspecção, canais logísticos, serviços de reconhecimento, postos de fomento, institutos de reorganização, delegações de investigação, grupos de trabalho permanente, «workshops», centros de observação, serviços coordenadores de estudos, registos centrais, divisões de fiscalização e comissões de apoio às iniciativas centrais. Por sua vez, estes órgãos são apoiados por outros de mais largo alcance; se, para esse efeito, em certos lugares e épocas utiliza a sua psiquiatria, noutros utiliza a sua inquisição, e noutros serve-se da sua televisão e demais órgãos de qualidade de vida; pode servir-se do seu jornal ou da sua falta de jornal, do seu partido único ou da sua pluralidade de partidos, pode servir-se de prémios ou de castigos, de gratificações ou de transferências. Isso mesmo. Não há nada que o filho-da-puta não faça e não há nada que não sirva os seus desígnios. Tudo, tudo, todas as ideias e todas as acções, até as que foram feitas contra o filho-da-puta, acabam por servir o filho-da-puta, *e até deste discurso o filho-da-puta tirará por certo alguma lição*. De facto, ele, o filho-da-puta, é sempre o mesmo, e apenas muda de hábito e de processos conforme o lugar. Assim também entre

nós, estimados compatriotas, o filho-da-puta não existe em maior nem em menor número que noutros lugares; não, estimados compatriotas, não haja ilusões. Sucede apenas que o filho-da-puta nacional tem os seus hábitos e modos próprios. Um bocadinho triste, apagado, cansado, muito queixoso, muito hipócrita e, coisa curiosa, ao mesmo tempo ordinário e delicado, muito ordinário e muito delicado, muito muito ordinário e muito muito delicado.



DIGNA ainda de reflexão e de uma breve análise é enfim outra questão tantas e tantas vezes escamoteada: como morre o filho-da-puta? É óbvio que não há uma maneira típica de o filho-da-puta morrer; ou melhor: todas as maneiras de morrer são boas para o filho-da-puta! O filho-da-puta pode morrer novo, assim como pode morrer velho, pode morrer de acidente ou de doença, de velhice ou de infecção, de ócio ou de bócio, pode morrer à secretária ou na cama, em casa ou no hospital, pode morrer no cumprimento das suas obrigações ou no meio da desobriga, de enfartamento ou de medo, muitas vezes morre deste modo, muitas vezes o filho-da-puta morre de medo. O modo de o filho-da-puta morrer raras vezes tem importância; sabendo nós, porém, que o nascimento é o pior que pode acontecer ao filho-da-puta, é de esperar que a morte seja para ele, se não o melhor que lhe pode acontecer, pelo menos um bom motivo de reconciliação com a vida. E assim é, de facto. «Tinha de ser», diz o filho-da-puta conformado e já reconciliado, «tinha de ser». No entanto, e eis outro traço distintivo do filho-da-puta, embora (ou talvez porque) a morte tenha de ser, nunca se lhe dá de *deixar, ou até de fazer morrer os outros*. Será que o filho-da-puta

ao deixar, ou até ao fazer morrer os outros, está a tentar reconciliá-los com a vida? Ou será que ao deixar, ou até ao fazer morrer os outros, o filho-da-puta está não só a fazer de anjo da guarda, mas também a salvaguardar o seu lugar e as suas vantagens, privilégios, etc.? Será que deixar, ou até fazer morrer os outros, é para o filho-da-puta um modo mais de se preocupar com eles? Que já assim tem sido, sabemos. Pois que outro fim tinha a tortura dominicana senão salvar a alma? Cada corpo queimado, cada osso esmagado, era um recado para o céu. Ainda será? Ou será a preocupação consigo mesmo que leva o filho-da-puta a deixar, ou até a fazer morrer os outros? Como entender mais este traço distintivo do filho-da-puta? Por certo, nunca virá a ser possível responder a estas perguntas com a desejada exactidão, pelo menos nalguns casos. Como explicar em suma o caso desse filho-da-puta que faz um exame sumário ao doente, não manda despir, não extrai o corpo estranho que depois enquista e gangrena, não vê sequer a infecção imediata na garganta, ou, pelo contrário, vê o tumor onde o não há, e pretende operar sem mais, além disso não responde às perguntas, não fala, não abre a boca, como explicar que esse filho-da-puta não fale, que receite remédios que como se sabe não o são porque não remedeiam, como explicar que esse filho-da-puta se recuse a visitar o doente que foi tratado por outro e que portanto deixe morrer, que esse filho-da-puta seja tão inclinado a deixar morrer, a deixar morrer como remedeio ou como remédio? Como explicar que os filhos-da-puta

às vezes até entre si se deixem, se façam morrer, se trucidem e entretrucidem? Será apenas a ânsia, a ambição de todo o filho-da-puta de ser cada vez mais filho-da-puta, cada vez mais o melhor, até chegar a ser, se possível, o mais-valioso filho-da-

-puta? Há sempre quem pense que o filho-da-puta deixa, e até faz morrer, há quem pense que ele, o filho-da-puta, decreta sobre a vida e a morte e organiza os seus júris e os seus conselhos de segurança, os seus sistemas de cercas, de miras e muros e os seus caminhos que não levam a lado nenhum e estão semeados de espinhos, há quem pense que ele faz tudo isto e continua incansavelmente a fazer tudo isto por causa da sua segurança, da segurança dos seus lugares, e das respectivas vantagens e lucros e isenções e privilégios; esta visão das coisas, porém, uma vez mais me parece assaz superficial, pois

mesmo sem deixar nem fazer morrer, o filho-da-puta está suficientemente, está sempre suficientemente seguro dos seus lugares e das respectivas vantagens e lucros e isenções e privilégios, e estes são sempre em número e quantidade suficiente para repartir por outros filhos-da-puta, isto apesar do incalculável, do enorme e incalculável número de filhos-da-puta que habitam a terra. Na verdade, ele,

o filho-da-puta, gosta de deixar, e até de fazer morrer, porque isso faz parte da sua disposição de espírito, da sua fatal disposição de espírito para não viver nem deixar viver. É aqui, e só aqui, que está a chave para a compreensão do filho-da-puta, do filho-da-puta eterno e das suas eternas ocupações. Sempre «atento às mais prementes necessidades humanas», o filho-da-puta mata, mata incansavelmente, mata casas que acolhem para no seu lugar construir edifícios de recolha, mata obras que libertam para impor no seu lugar noções que apertam, infiltra-se com os seus filtros que fazem o ar sufocante e corrosivo, instala-se com os seus

anúncios e com as suas renúncias e denúncias, com as suas cancelas manuais e electrónicas, com as suas celas brancas anti-sónicas, e com todas as suas ideias nucleares, garantindo que delas não vem mal, mas apenas bem aos ares, garantindo que vêm preencher uma lacuna inestimável e que, a partir do momento em que existem, se tornam indispensáveis à qualidade de vida. Será que são estes os únicos meios que ele tem de conseguir as suas vantagens, os seus privilégios, os seus lucros especiais? Não, nada disso. Tudo quanto o filho-da-puta faz é uma fonte de vantagens e de lucros especiais para o filho-da-puta. A sua pura e simples existência (a qual está suficientemente comprovada) é garantia de um sistema baseado em toda a espécie de vantagens, isenções, imunidades, privilégios, lucros especiais, etc. É disso e para isso que o filho-da-puta existe, é disso que alimenta a sua existência de filho-da-puta. De modo que não é, rigorosamente, para subsistir, que o filho-da-puta gosta de deixar morrer, ou até de fazer morrer; rigorosamente, nem sequer é para subsistir como filho-da-puta que o filho-da-puta gosta de deixar morrer, ou até de fazer morrer. O filho-da-puta gosta de deixar morrer, ou até de fazer morrer (os restantes) e isso, entende ele, é uma compensação por fazer nascer os seus (infantes). Escolhe a fenda não por um processo de dedos mas por uma processação de dados, não pelos folhos mas pelos filhos, ou colhe o pau-bento só para ter um rebento, não pelo pau mas pelo pai. Se não vê crescer a esmo a sua raça, esmorece. Faz filhos em pé e leite em pó, faz filhos de bruços e carrega-os nos braços, mas depois constrói edifícios sem segurança, tectos que caem, soalhos que aluem, constrói escolas sem saneamento, estradas sem segurança, habitações sem esgotos; quase em todos os produtos que manda fabricar e empacotar, que anuncia, que vende, que distribui, o filho-da-puta

incorpora algo propício a deixar morrer ou a fazer morrer; também no que escreve, nos seus jornais, nas suas revistas, nos seus livros, nas suas críticas, com a sua palha consegue a sua pecúnia, com a sua pulha a sua calúnia, e reduz nada a tudo e tudo a nada. O filho-da-puta gosta de organizar marchas, combates, pequenas competições e chega a fazer petições em prol da grande competição, a guerra, destinada, como se sabe, dentro dos «parâmetros adequados» e das estruturas próprias, e sempre com o mais elevado intuito mural, isto é, de erguer muros, destinada, dizia, também a morrer, sobretudo a morrer, praticamente só a morrer, a deixar e a fazer morrer. A guerra é o lugar onde se morre por razões murais, ou seja, com um muro à frente e outro atrás. Trata-se de fender uns e defender outros, e sobretudo de vendar e vender, e isso convém como poucas coisas ao estilo e aos desígnios do filho-da-puta. O filho-da-puta avança e salva, e para isso mata, e mata com uma salva, e essa é a sua meta máxima, no deserto ou na selva. A única questão é que nem sempre a premonição corresponde à munição, mas há sempre uma salvação, aquém ou além, no aquém ou no além. Não, na verdade o filho-da-puta não poupa forças nem se poupa a esforços para deixar, ou até para fazer morrer. Foi por isso que fez questão de afirmar os «direitos do homem», para negar alguns que se supunha que naturalmente tivesse, como por exemplo o direito à vida. Pois se lhe tivesse firmado o direito à vida, teria firmemente negado o direito à guerra, com o seu dever de morte. E já sabemos que ele tolhe direitos, para colher deveres. Na verdade, *a vida do filho-da-puta*

só é verdadeiramente compreensível em função da morte, só em função da morte é que se compreende tudo o que o filho-da-puta faz durante a vida,

tudo o que faz ao longo da vida, o que faz ou não deixa fazer, ou finge que faz ou que deixa fazer; na verdade, só em função da morte é que tudo isso é compreensível. Na verdade, o filho-da-puta não vive para a vida, vive para a morte, vive para depois da vida e portanto para a morte, vive para a salvação da alma não durante a vida mas depois dela, ou vive para a salvação da sua memória, ou para a salvação dos seus bens, dos seus bens de filho-da-puta, mas depois da vida, sempre depois da vida ou, se se quiser, depois da morte, sempre depois da morte. É sempre para depois da morte (e portanto para depois da vida) que o filho-da-puta vive, é sempre para depois da morte que faz o seguro de vida, e por isso não vive para viver mas para morrer, e por isso sobrecarrega a vida de dificuldades, lança impostos sobre a vida, sobre a utilização do ar e da água e da terra e do fogo, faz da vida um perene sacrifício, que tem sempre por fim assegurar-lhe algo depois da morte: a sua memória, a sua sucessão, a sua história, as suas ideias, os seus bens. O filho-da-puta constrói as teorias de vida que constrói, faz à vida as exigências que faz, ergue os edifícios que ergue, fabrica os produtos que fabrica, deixa morrer quem deixa morrer, abre as escolas que manda abrir, e explica a vida como a explica, tudo para depois da vida, tudo para depois, tudo para ficar; é por isso e só por isso que o filho-da-puta faz o que faz, pela necessidade de fazer tudo para depois, tudo para ficar. Nunca o filho-da-puta imaginou poder fazer o que faz sem ser para depois da morte, da sua morte, da morte de todos, dessa morte que tanto oculta e que é motivo maior do seu culto. E por isso

sim, por isso mesmo o preocupa acima de tudo a visão daqueles que não vivem para depois, mas apenas e sempre para agora. A visão dos que

andam despreocupadamente pela vida, dos que vão, dos que vêm, sempre sem pensar nela, sempre despreocupadamente. Por isso desde o início

que o filho-da-puta inculca nos seus dependentes a necessidade de preocupar-se, de preocupar-se com a aparência e com os modos (a fim de que se não diga que morreram por incúria, mas que curaram da morte), de preocupar-se com o traje e com a higiene (a fim de que não se diga... um «ultraje»); inculca nos seus dependentes a necessidade de preocupar-se com o que fazem e com o que dizem, com a casa onde habitam e com os lugares aonde vão, com o que ganham e com o que gastam e gostam, e com o que pensam e como o pensam, e com quem lhes dá para isso a bênção, e com o que a cada momento e em cada circunstância devem apoiar e devem rejeitar, a fim de conseguirem o seu lugar de filhos-da-puta, e a fim de o não perderem depois, de o não perderem nunca, e ainda a fim de conservarem a validez do crédito, e o direito ao crédito de invalidez, ou à pensão de velhice, isto é, à morte bem temperada. E por isso o filho-da-puta preocupa-se sobretudo com os que visivelmente não vivem em função da morte, com os que não se seguram a nenhum seguro, nem se filiam em nenhuma central ou filial, nem fazem parte de partidos, nem dizem sim a sindicatos, nem constroem o futuro sobre o que roem ao presente, nem se envergonham do que não envergam, nem vergam quem se envergonha, e, portanto, apenas existem e nada mais. É com estes que ele, o filho-da-puta, mais se preocupa: para eles tem a sua escola e a sua televisão e os seus centros de toda a espécie e, nos casos mais renitentes, tem os seus asilos, as suas tutorias, as suas prisões, os seus manicómios. Ou isto tudo num só: a prisão preventiva. Aí, na mais lídima casa do seu estado, o filho-

-da-puta não quebra os ossos mas paralisa-os de frio no inverno; não queima as partes, mas tem artes de as fazer mirrar; não derrama pela boca óleo fervente, mas sabe secar as entranhas daqueles com quem não está contente. Assim os separa e prepara para a boa morte, colectivamente, pois o que o filho-da-puta tem sempre em vista é o bem-comum e não o bem individual. O bem de todos e não o de cada um. O bem de todos em geral e não o de cada um em particular. Todos aqueles porém que o filho-da-puta durante a vida internou, em manicómios e asilos e prisões, todos aqueles de quem encenou o suicídio ou decretou o modo da morte, na fogueira ou na forca, no garrote ou na guilhotina, no degredo ou na cela, todos eles, ou quase todos, depois de mortos

se tornam subitamente aceitáveis para o filho-da-puta. Todos aqueles a quem o filho-da-puta excluiu da vida por receio, a todos de novo recebe, depois da morte, no seu seio de filho-da-puta. A morte é para o filho-da-puta o verdadeiro começo, é o motivo de reconciliação com a vida. Depois da morte, tudo se esquece e tudo começa. Tudo se esquece do que foi a vida e tudo começa a ser o que a vida não foi mas podia ter sido. A morte é motivo de solenidades, é para o filho-da-puta motivo das maiores solenidades, motivo de festejos, motivo de maiores festejos que a vida; *é sempre a morte que os filhos-da-puta comemoram, é sempre a data da morte daqueles cuja vida querem evocar que lhes traz à ideia a luz alusiva*. E até o filho-da-puta mais mesquinho e avarento se torna pródigo perante a morte, encomenda o caixão de mogno por vergonha de meter por seu punho o morto num caixão de pinho (que diriam os outros filhos-da-puta!), compra a liturgia mais cara, as missas mais decantadas, as velas mais compridas, e espa-

lha flores, manda publicar retratos, põe notícias, faz agradecimentos, veste de preto para se saber que a morte o fez por uns tempos reconciliar-se com a vida. Não é nunca ao longo da vida que o filho-da-puta pensa no modo como vive, mas é só em face da morte que faz o balanço de como viveu; é em face da morte que ele quer sempre saber a mais-valia da sua vida; é então que ele olha em volta suplicante, à espera do encarecimento, da justificação, às vezes da desculpa, até da desculpa da sua vida, que nem sempre terá sido a gosto dos outros filhos-da-puta. A lápide não lhe basta, a lápide igual para todos os filhos-da-puta não lhe basta:

AQUI JAZ O BEM-AMADO...
ONDE AS MINHOCAS O COMEM;
FOI HOMEM DALGUM ESTADO,
MAS PERDEU O ESTADO DE HOMEM.

Só os filhos-da-puta menos importantes, por assim dizer a ralé dos filhos-da-puta é que se dá por satisfeita com tão pouco. Os outros, os filhos-da-puta de qualidade, e sobretudo as famílias dos filhos-da-puta de qualidade, querem ficar cientes de que tudo quanto fez o seu falecido teve e terá o apreço devido da raça dos filhos-da-puta: isso é coisa a que ele, o filho-da-puta, nunca renuncia. É por isso que quando um filho-da-puta morre, há sempre outro que o anuncia; que em longas evocações se encarrega de lhe dar o prémio de ele ter morrido, deixando no entanto entrever o receio de que já não haja vocações, de que o filho-da-puta se esteja a perder, de que estejam a acabar os filhos-da-puta neste mundo, ou de que, pelo menos, já não haja continuadores à altura. No entanto, como vimos, o receio é sempre infundado. Nunca faltaram os continuadores à altura. Nunca, em lugar algum, em época alguma faltaram os continuadores à altura. Os processos mudam, a essên-

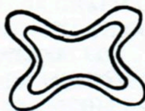
cia do filho-da-puta mantém-se. Isso mesmo constitui sempre tema, ou motivo

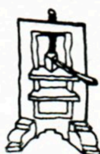
do elogio fúnebre, das últimas palavras com que eles, os filhos-da-puta, se despedem, se separam uns dos outros, na ocasião da morte. O elogio fúnebre é normalmente o ponto máximo na carreira de todo o filho-da-puta, é a prova de confiança, é a garantia de que as preocupações foram coroadas de êxito e de que, ao seu nível e à sua medida, o filho-da-puta morto não se poupou a esforços para fazer a vida mais difícil e a morte mais fácil. Dentro da medida das suas possibilidades e das suas atribuições, o filho-da-puta morto não desmereceu enquanto foi um filho-da-puta vivo. Por isso, além do elogio fúnebre, a sua memória é ainda perpetuada em retratos e em estátuas, e nos livros, nos livros de escola, sobretudo nos livros de escola, os quais nunca se cansam de cultivar um dos grandes lemas de todos os filhos-da-puta: *celebrar os mortos e lacerar os vivos*. Os filhos-da-puta menos importantes, esses nem sempre têm elogio fúnebre; normalmente só têm elogio fúnebre quando morrem no cumprimento das suas obrigações; mas são lembrados e falados nos círculos dos filhos-da-puta entre quem se distinguiram. Porém, importante ou não, é raro o filho-da-puta cuja memória não é multiplamente evocada nos jornais e nas revistas dos filhos-da-puta. No caso dos filhos-da-puta mais importantes, os lamentos e as evocações parece não terem fim, as evocações lançadas de todos os lugares que ele em vida ocupou, os lamentos provindos das comissões, das instituições a que de longe presidiu, de que a certas horas do dia ou da noite foi membro, secretário, sócio, filiado, benemérito, ou apenas amigo. É porém

no elogio fúnebre que se conjugam e culminam as evocações e exortações, é sempre no elogio fúnebre que desagua e culmina a carreira do filho-da-puta, nesse elogio fúnebre que começa quase sempre imperceptivelmente e imperceptivelmente termina, por entre as campas e os mausoléus, ou seja, aqui, onde estamos reunidos, onde estamos todos reunidos, nesta tarde soturna em que o próprio céu nos quis acompanhar, associar-se à nossa dor, ao nosso luto e às nossas lágrimas, com o seu luto e com as suas lágrimas, para dizer o último adeus [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] que com heroísmo antigo mas sempre renovado, cumprindo a sua ingrata missão, sempre renovado, cumprindo a sua ingrata missão, sempre e em todas as circunstâncias, sacrificando-se em prol de [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] sem outra recompensa além da que o céu a justo título lhe concederá, acolhendo a sua alma em perpétuo descanso. Neste particular, aquele cujos restos de certo modo temos ainda diante de nós, e nunca deixaremos de ter, seguiu desde a primeira hora a voz do dever: conhecia bem os antagonismos, porém [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] soube extrair de todos nós lições de superação para bem do bem-comum. Foi incómodo: sem dúvida. Numa época de crise e confrontos, nunca deixou que as coisas seguissem o seu curso, pois soube com [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] preocupar-se com o rumo que mais convinha, independentemente dos anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] para dar-lhes um significado e inseri-las no processo em curso. Não deixou nunca, porém, espaço para ilusões e utopias, fosse de que espécie fosse. O seu lema foi: superar. Numa época de crise e confrontos, não isto ou aquilo, não este ou aquele, mas todos. Superar todos e tudo: neste particular, superou sempre de cada vez o que era preciso

superar com [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] coragem e firmeza. Esteve sempre no caminho conveniente, e preferiu, numa época de crise e confrontos, mesmo tomando em conta os anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] restabelecer o que já deu provas de servir a servir-se do que ainda não deu provas de vir a ser, que as mais das vezes [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] numa época de crise e confrontos. Neste particular, preocupou-se em todas as circunstâncias, sem fazer excepções: quantas vezes não sacrificou o seu merecido repouso [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] horas do seu sono, a paz do seu lar, para se certificar que a ordem e a iniciativa e o heroísmo novo, envolto em sombrios horizontes [*palavras ininteligíveis devido ao vento*]. Neste particular, a palavra de ordem era para ele [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] numa época de crise e confrontos, a base de uma vida que transcende a própria vida. Neste particular, a sua própria vida, sem falar nos anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] à causa que nos guia e nos une como se fôssemos um só, numa época de crise e confrontos. São homens destes que fazem com que o amanhã seja uma ponte para ontem, homens que apesar de um passado envolto em sombrios horizon [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] desde sempre se preocuparam com o bem de todos nós, embora certos anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] processos de conduta e normas de comportamento. Neste particular, e apesar dos anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] são eles que nos dão a garantia de que as nosss preocupações prosseguirão, ainda que por entre os maiores sacrifícios e envolto em sombrios horizon [*palavras ininteligíveis devido ao vento*]. Neste parti-

cular, qual de nós, numa época de crise e confrontos, não se preocupa sobretudo com atingir o fim da vida e saber que os anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*]? Qual de nós não está aqui para aprender, envolto em sombrios horizon [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] o sacrifício, a preocupação, a abnegação, embora os anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] neste particular, serenamente? Sim, qual de nós? Qual não sente, neste particular, o dever de se preocupar com as mais legítimas preocupações que, numa época de crise e confrontos, apesar dos anseios que se esfumam arrancando-nos [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] envolto em sombrios horizon [*palavras ininteligíveis devido ao vento*]? Neste particular, numa época de crise e confrontos, em que há, envolto em sombrios horizon [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] anseios que se esfumam e, envolto em [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] numa época para continuar [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] soturnas [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] envoltas em [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] numa época de [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] sombrias como todas as [*palavras ininteligíveis devido ao vento*] e assim não só neste particular mas também e sempre no geral. tenho dito.





DISCURSO SOBRE O
FILHO-DA-PUTA

FOI COMPOSTO NA GRAFIDOIS, COIMBRA
E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
LOUSANENSE, LDA., NUMA
TIRAGEM DE 1500 EXEMPLARES,
PARA A CASA FENDA DE LISBOA
EM ABRIL DE 1991

Depósito Legal n.º 43352/91

«Realmente Swift le comprendería. Y no digamos Quevedo.» • *R. Ventura Melia*

«Oh, cuánta verdad dice el Pimenta éste, excelso lusitano para más señas! Nadie ni nunca está libre del ataque de los hijos de puta.» • *El Víbora* n.º 126/27, Barcelona

«Alberto Pimenta tiene algo de alquimista, pues nada menos que transmuta la materia 'pesada' del ensayo en el 'oro' sutil de la transparencia. Si a esta virtud añade, en sordina, un humor tan corrosivo como inteligente, la amenidad y la asequibilidad del texto están aseguradas.» • *José Luis Parra*